

FATOS E NOTAS

O DESCOBRIMENTO DO BRASIL ATRAVÉS DOS TEXTOS.

(Edições críticas e comentadas).

IV. — O “ESMERALDO DE SITU ORBIS” DE DUARTE PACHECO PEREIRA.

5. — Edições e Traduções.

JOAQUIM BARRADAS DE CARVALHO

Professor de História da Civilização Ibérica da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.

O texto do *Esmeraldo de situ orbis* teve até hoje três edições: a de Raphael Eduardo de Azevedo Basto, a de Augusto Epiphânio da Silva Dias, e a da Academia Portuguesa da História.

A edição de Azevedo Basto foi publicada em 1892, no quadro das comemorações do quarto centenário do descobrimento da América (1). O texto do *Esmeraldo* é nesta edição precedido de uma curta nota de Thomaz Lino de Assumpção e de uma *Notícia Preliminar* do próprio Azevedo Basto. Esta *Notícia Preliminar* comporta uma rápida descrição dos manuscritos existentes, uma biografia de Duarte Pacheco Pereira, e finalmente uma série de documentos que ilustram não só o texto do *Esmeraldo* como também a vida do seu autor. Alguns destes documentos são inéditos, contando-se entre êles, como o mais importante, a carta de Duarte Pacheco ao rei D. Manuel. No que diz respeito ao estabelecimento do texto, Azevedo Basto diz tê-lo feito a partir do manuscrito da Biblioteca Nacional de Lisboa, servindo-se no entanto do manuscrito da Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora para corrigir o da Biblioteca Nacional

(1). — “*Esmeraldo de situ orbis*” de Duarte Pacheco Pereira — Edição comemorativa da descoberta da América por Cristóvão Colombo no seu quarto centenário sob a direção de Raphael Eduardo de Azevedo Basto. Lisboa, 1892.

de Lisboa nalguns pontos (2). No fim do volume Azevedo Basto dá-nos um *Índice remissivo dos nomes históricos e geográficos e das coisas mais notáveis*.

Esta edição foi objeto de um exame crítico de Epiphanio da Silva Dias na Introdução que precede a sua própria edição (3). Ao subscrevermos as considerações de Epiphanio, no seu conjunto, reproduzimos os seguintes pontos, a título de exemplo:

Azevedo Basto transcreveu por um *u a abreviatura* ψ que representa a sílaba *ver*: no lugar de *Cabo da Vergua* (1a. tabela de latitudes do texto do *Esmeraldo*, no Livro I, Capítulo 7), escreve *Cabo da Ugua*. Reproduz um erro dos copistas que, ignorando a significação da abreviatura *B*, escrita por *ser*, escreveram várias vezes *Btão*. No *Índice dos nomes* explica esta supostá palavra pela seguinte nota: “Esta palavra, que por vêzes se encontra no manuscrito, parece ter sido malcompreendida pelo copista; deve talvez significar Sertão”. Mas no Capítulo 13 do Livro I, em lugar de *por êste ser o principio do nosso estreito*, escreve *por êste B o principio do nosso estreito*, sem o menor comentário. Tomou por *et caetera* os arabescos que terminam os parágrafos 2 e 3 do Prólogo. Na interpretação da última palavra dêste mesmo Prólogo deixou-se enganar por um outro erro dos copistas. Tomando um *th* por um *A*, êstes escreveram *Aylle* em lugar de *Thule* ou *Thyle*. Azevedo Basto pensa tratar-se de um imperativo latino, e escreve em nota: “Deve ser *Vale*”.

As notas críticas ao texto do *Esmeraldo* são raras: algumas em fim de página e quatro em apêndice. Só três destas notas, faz notar Epiphanio, são úteis ao esclarecimento do texto: uma no Prólogo, onde a palavra *anno* é corrigida para *Hannon*; uma outra no Capítulo 2 do Livro I, em que Duarte Pacheco faz claramente alusão ao Brasil sem no entanto o nomear; e finalmente a terceira no Capítulo 4 do Livro II a propósito da palavra *gualtiros*, onde se pode ler *Gualteira-Rebuço*.

No *Índice dos nomes*, incompleto quanto aos nomes próprios, encontramos coisas estravagantes, tais como: *Ceam*, *rio de Canagua*, *Penna do Corvo*, *mar de Lataria*, *lagoa Meons-Perto de Constantino-*

(2). — O texto do *Esmeraldo de situ orbis* é conhecido através de dois manuscritos que não são mais do que duas cópias do século XVIII, o mais antigo da primeira metade dêsse século e pertencente à Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora (Codex CXV, 1-3), e o mais moderno da segunda metade dêsse mesmo século, e pertença da Biblioteca Nacional de Lisboa (Secção de Reservados, Fundo Geral 888; cota antiga: Codex B-17, 7). Êste segundo manuscrito não passa de uma cópia do manuscrito de Évora.

(3). — “*Esmeraldo de situ orbis*” de Duarte Pacheco Pereira — Edição crítica annotada por Augusto Epiphanio da Silva Dias, in *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, 1903-1904. Esta mesma edição foi publicada em volume em 1905 (ver págs. 6-8).

pla, Pilaso-Promontório de que Ptolomeu fala. Azevedo Basto dá-nos aqui e acolá alguns esclarecimentos, identificando, por exemplo, *Libia* com *Liberia*, *Anden* (no texto *Audem*, no Sahara Ocidental) com *Aden*. Neste mesmo índice de nomes onde são também registadas *as cousas mais notáveis* contidas no livro, Azevedo Basto dá-nos algumas interpretações de diversos passos do *Esmeraldo*. Assim, declara que segundo Duarte Pacheco, Menelau navegou através de *Calles* (isto é, a cidade de Cadix); Estrabão é o autor do primeiro livro de cosmografia; um braço do Nilo passa pela Índia; o piloto Álvaro Esteves ao qual Duarte Pacheco faz alusão no Capítulo 4 do Livro II, lembrando que êle foi *ho mais avantajado homem do seu officio que na Espanha entam ouve* teria sido *notável pela sua estatura avantajada!!!...*

A edição crítica de Augusto Epiphanio da Silva Dias apareceu em 1903 e 1904 no *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, antes de ser publicada em volume em 1905. E' precedida de uma Introdução que comporta, além da crítica da edição de Azevedo Basto, considerações sôbre os manuscritos existentes, sôbre o título, a data de redação, e uma breve análise da obra de Duarte Pacheco. Expõe depois o critério adotado para o estabelecimento do texto da sua edição. No fim, reproduz a carta de Duarte Pacheco ao rei D. Manuel, carta que lhe serviu de base para o estabelecimento do texto, e termina por um *registro filológico* e um *índice dos nomes próprios geográficos e de pessoas*. Epiphanio da Silva Dias (4) declara ter escolhido como manuscrito-base o da Biblioteca de Évora que lhe parece conter menos incorreções do que o de Lisboa, não deixando no entanto de tomar êste também em conta, assim como a edição de Azevedo Basto. Com efeito, indica em fim de página as variantes da lição que nos apresenta, dispensando-se de mencionar as diferenças puramente ortográficas. No que diz respeito aos critérios seguidos no estabelecimento do texto, Epiphanio declara ter empregado o apóstrofo (exemplo: *com'esta = como esta*), o traço de união, os acentos, a maiúscula para os nomes próprios, a vírgula (a coronis dos gregos) sôbre a vogal que resulta da contração (exemplo: *andar = a andar*), excetuando *á* e *áquelle*, que são os únicos casos em que na ortografia moderna se escreve uma só vogal, acentuada.

Epiphanio acrescenta ainda que, nos dois manuscritos, as terceiras pessoas do plural dos pretéritos perfeitos e futuros imperfeitos do indicativo, assim como o advérbio *não*, aparecem com a terminação *om*. Ora, na carta autógrafa de Duarte Pacheco ao rei D. Manuel encontramos nestes casos *am* e *não om*, o que leva a crer que Pacheco pronunciava *ão*. Concluindo que os copistas tomaram o *a* por o,

(4). — Ver págs. 186-189 do texto de Epiphanio de 1903-1904, ou págs. 5-6 do volume de 1905.

Epiphanio foi de opinião que a edição do *Esmeraldo* devia ser feita segundo a ortografia da carta. Também, onde os copistas escreveram geralmente *som* (do verbo *ser*), Epiphanio escreveu *sam*. Finalmente faz notar que os copistas escreveram sempre *huma* em lugar de *hũa*, quando no século XVI a ortografia *huma* era ainda completamente desconhecida.

Podemos dizer que esta edição não é crítica senão de um ponto de vista quase que puramente filológico, como aliás o autor confessa no fim da Introdução. As poucas notas que não são de ordem filológica, na sua quase totalidade limitam-se a indicar as fontes da obra de Duarte Pacheco.

Se nas variantes, assinaladas por Epiphanio em fim de página, os erros são frequentes, na transcrição do texto êles são mais raros. Epiphanio prefere muitas vezes a lição do manuscrito de Lisboa à do manuscrito de Évora. Isto tem a sua explicação no fato de êle tomar os dois manuscritos por duas cópias independentes. Mas acontece-lhe, às vezes, não seguir nenhuma das lições, ou então saltar palavras que existem em ambas.

Vejamos alguns exemplos em que Epiphanio não segue a lição dos manuscritos:

- Texto de Epiphanio: “Toda *esta* terra que vem do Rio das Palmas...” (Livro II, Capítulo 2).
- Texto dos Manuscritos (Evora e Lisboa): “Toda a terra que vem do rio das Palmas...” (Ortografia da minha edição, ainda inédita).
- Epiphanio: “...e isto he o que diz Alfragano d’esta terra e moradores d’ella, que *nos* Ethiopios ho veraão e ho inverno ambos sam de hua mesma compleisam... (L. II, Cap. 2).
- Texto dos Manuscritos (Evora e Lisboa): “...e isto é o que diz Alfragano desta terra e moradores dela, que *aos* Etiópios o verão e o inverno ambos são de ua mesma compleição...”.
- Epiphanio: “...contando da *ponta* de Sam Lourenço em diante... (L. III, Cap. 3).
- Texto dos Manuscritos (Evora e Lisboa): “...contando da *angra* de São Lourenço em diante...”.
- Epiphanio: “...e esta terra *nem* he de tanto arvoredo...” (L. III, Cap. 3).
- Texto dos Manuscritos (Evora e Lisboa): “... e esta terra *não* é de tanto arvoredo...”.
- Epiphanio: “...e *ella* se aparta do círculo da equinocial... (L. III, Cap. 5).
- Texto dos Manuscritos (Evora e Lisboa): “... e *esta* se aparta do círculo da equinocial...”.

Vejamos também alguns exemplos em que Epiphanio salta palavras que pertencem à lição de ambos os manuscritos (Colocamos entre parênteses as palavras omitidas por Epiphanio):

- "...e pasado este derradeyro banco (pera) dentro junto com ha villa d'Azamor..." (L. I, Cap. 17).
- "...o qual todolos vicios e desonestidades pera o corpo (lhe), emsynou..." (L. I, Cap. 20).
- "...e ho seu moto asy como ho elle trazia (escrito) em linguaou francesa" (L. I, Cap. 22).
- "...e a costa que uem do cabo (de) Nam pera o Bojador..." (L. I, Cap. 22).
- "...na qual ponta estaa hum (muito) grande palmar..." (L. I, Cap. 29).
- "...nesta terra se fazem os mays sotis collares de marfim e milhor laurados que em nenhua (outra) parte..." (L. I, Cap. 33).
- "...que (se) chamam as ilhas das Cabras..." (L. III, Cap. 2).
- "...a qual Mangua se aparta (em ladeza) da linha equinocial..." (L. III, Cap. 3).
- "...o qual (nome) lhe poserom..." (L. III, Cap. 9).
- "...e isto ouue Dom Vasco) alem d'outras muitas mercees..." (L. IV, Cap. 2).

O êrro fundamental da edição de Augusto Epiphanio da Silva Dias está na sua base. Epiphanio estava convencido que os manuscritos de Évora e de Lisboa eram duas cópias independentes de um manuscrito que podia muito bem ser do próprio punho de Duarte Pacheco Pereira. Ora, como o manuscrito de Lisboa é uma cópia do de Évora, Epiphanio utilizando o manuscrito de Lisboa para corrigir alguns erros do de Évora, segue, não a lição de Duarte Pacheco mas sim a do copista do manuscrito de Lisboa. Acrescentamos, para terminar, que a transcrição que Epiphanio nos dá da carta de Duarte Pacheco ao rei D. Manuel está cheia de erros, assim como o índice de nomes que é praticamente inutilizável (5).

A terceira edição do *Esmeraldo* é a da *Academia Portuguesa da História*, publicada em 1954. O texto desta edição foi estabelecido por João Franco Machado. Damião Peres redigiu a Introdução e as notas históricas (Anotações Históricas). Na Introdução (6) dá-nos uma biografia de Duarte Pacheco Pereira em que a única novidade é a bolsa de estudo atribuída a João Pacheco, pai do autor do

(5). — Deixando de lado a idéia bizarra de classificar Sacrobosco segundo o nome, e portanto em João, podemos citar, a título de exemplo, os numerosos erros em Alfragano, Plínio, Pompónio Mela, Ptolomeu, etc.

(6). — Academia Portuguesa da História: "*Esmeraldo de situ orbis*" por Duarte Pacheco Pereira, 3a. edição, Introdução e Anotações Históricas pelo Académico de Número Damião Peres, Lisboa, 1954, págs. XIII-XXIX.

Esmeraldo. De resto, cai nos mesmos erros que os biógrafos que o precederam. As suas notas históricas são três: na primeira (7), ocupa-se do problema do título, e limita-se a reproduzir as hipóteses de Epiphânio da Silva Dias, Luciano Pereira da Silva, Pedro de Azevedo, e José Dentinho; na segunda (8), ocupa-se da data de redação da obra de Pacheco, e retoma, sem nada acrescentar de novo, as teses de Raphael Eduardo de Azevedo Basto, Luciano Pereira da Silva, e Jaime Cortesão, tomando partido por esta última; na terceira (9), pretende apresentar-nos o *Esmeraldo* como um roteiro e um livro de cosmografia, mas na realidade não faz mais, em seis páginas, do que um pouco de polémica com Robert Levillier a propósito de certas afirmações dêste na sua obra *America la bien llamada*. João Franco Machado expõe brevemente, numa nota, o critério seguido para o estabelecimento do texto desta edição: “Na presente reedição, a ortografia foi modernizada, tendo em vista que já as cópias setecentistas não representam integralmente a do Autor; foi-o porém, cautelosamente, atendendo-se à representação do que justificadamente se pode crer tenha sido a pronúncia portuguesa de Quinhentos” (10). Não seria fácil imaginar uma explicação mais sucinta do critério segundo o qual é feita a edição de um texto do século XVII!!!... João Franco Machado indica em fim de página as variantes dos passos ou das palavras que lhe pareceram obscuras. O texto do *Esmeraldo* é seguido de um índice dos nomes (11) de que êste é também provavelmente o autor.

Para terminar com esta última e bem infeliz edição do *Esmeraldo de situ orbis*, podemos acrescentar que o seu autor não se deu mesmo ao trabalho de ver os manuscritos. Contentou-se em modernizar a ortografia da edição de Epiphânio da Silva Dias. Quando fala dos manuscritos e da edição de Raphael Eduardo de Azevedo Basto, fá-lo sempre segundo a edição de Epiphânio da Silva Dias, da qual êle reproduz todos os erros. Logo desde as primeiras linhas do texto de Duarte Pacheco Pereira nos podemos aperceber que a edição da *Academia Portuguesa da História* não faz mais do que seguir a edição de Epiphânio da Silva Dias, modernizando-lhe a ortografia.

Tanto no manuscrito de Évora como no manuscrito de Lisboa, o título do *Prólogo* é o seguinte: “Princípio do *Esmeraldo de situ orbis*, feito e composto por Duarte Pacheco Pereira, cavaleiro da Casa del-Rei Dom João o segundo de Portugal, que Deos tem, deregido ao muito alto, poderoso Príncipe e serenissimo Senhor, o Senhor Rei

(7). — *Ibidem*, págs. 209-212.

(8). — *Ibidem*, págs. 213-214.

(9). — *Ibidem*, págs. 215-221.

(10). — *Ibidem*, pág. XXXI.

(11). — *Ibidem*, págs. 225-238.

Dom Manuel nosso Senhor, o primeiro deste nome que reinou em Portugal” (Texto modernizado segundo a minha edição crítica, ainda inédita). Lemos portanto nos dois manuscritos: “...sereníssimo Senhor, o Senhor Rei Dom Manuel nosso Senhor...”. Ora a edição da *Academia Portuguesa da História* dá-nos: “...sereníssimo Senhor Rei Dom Manuel Nosso Senhor...”. Em nota, o autor desta edição escreveu: “L.: Senhor, o Senhor Rei...”. Esta nota faz crer que só o manuscrito de Lisboa estaria de acôrdo com o que acabamos de ver que é a lição dos dois manuscritos. Como explicar êste êrro na edição da *Academia Portuguesa da História*? Indubitavelmente porque Epiphanio já tinha cometido êste mesmo êrro. Epiphanio escreveu em nota: “E. sem *o Senhor*”, isto é, no manuscrito de Évora a expressão *o Senhor* faltaria. Ora fazendo confiança a esta nota, o autor da edição da *Academia Portuguesa da História* pensou seguir a lição do manuscrito de Évora, mas, infelizmente..., o que êle seguiu foi o êrro de Epiphanio.

Os erros dêste gênero abundam no texto da *Academia Portuguesa da História*. Vejamos alguns exemplos:

- Manuscritos de Évora (ff. 29-29v.) e de Lisboa (f. 24v.): “...e passado este derradeiro banco *pera* dentro junto com a vila d’Azamor...”. (Ortografia modernizada da minha edição, ainda inédita).
- Epiphanio (p. 56): “...e pasado este derradeyro banco dentro junto com ha villa d’Azamor...”.
- Academia (p. 62): “...e passado este derradeiro banco dentro junto com a vila de Azamor...”.
- Ms. Evora (f. 36) e Lisboa (f. 29v.): “...o qual todolos vícios e desonestidades *pera* o corpo *lhe* ensinou...”.
- Epiphanio (p. 65): “...o qual todolos vicios e desonestidades *pera* o corpo ensinou...”.
- Academia (p. 74): “...o qual tôdolos vícios e desonestidades *pera* o corpo ensinou...”.
- Ms. Evora (f. 40) e Lisboa (f. 33): “...assi como o ele trazia *escrito* em lingua francesa...”.
- Epiphanio (p. 70): “...asy como ho elle trazia em lingua francesa...”.
- Academia (p. 81): “...assi como o ele trazia em língua francesa...”.
- Ms. Evora (f. 40) e Lisboa (f. 33v.): “...e a costa que vem do cabo *de* nam...”.
- Epiphanio (p. 70): “...e a costa que vem do cabo Nam...”.
- Academia (p. 81): “...e a costa que vem do cabo Não...”.
- Ms. Evora (f. 51) e Lisboa (f. 43): “...na qual ponta está um *muito* grande palmar...”.
- Epiphanio (p. 86): “...no qual ponta estaa hum grande palmar...”.

- Academia (p. 105): "...na qual ponta esta um grande palmar...".
- Ms. Evora (f. 57v.) e Lisboa (f. 47v.): "...nesta terra se fazem os mais sotis colares de marfim e milhor lavrados que em nenhuma *outra* parte...".
- Epiphanio (p. 96): "...nesta terra se fazem os mãys sotis colares de marfim e milhor laurados que em nenhuma parte...".
- Academia (p. 118): "Nesta terra se fazem os mais sotis colares de marfim e milhor lavrados que em nenhuma parte...".
- Ms. Evora (f. 58) e Lisboa (f. 48): "...um cavalleiro do Infante Dom Anrique que por seu mandado esta *serra* descobrio...".
- Epiphanio (p. 96): "... hum cavalleiro do Infante Dom Anrique, que por seu mandado esta *terra* descobrio...".
- Academia (p. 118): "...um cavalleiro do Infante D. Anrique, que, per seu mandado esta *terra* descobriu...".
- Ms. Evora (f. 58) e Lisboa (f. 48): "Item. *E* esta serra tem ua ponta...".
- Epiphanio (p. 96): "Item. Esta serra tem hua ponta...".
- Academia (p. 119): "Item. Esta serra tem ua ponta...".
- Ms. Evora (f. 61v.) e Lisboa (f. 50v.): "Toda a terra que vem do rio das Palmas...".
- Epiphanio (p. 102): "Toda *esta* terra que vem do Rio das Palmas...".
- Academia (p. 128): "Toda *esta* terra que vem do rio das Palmas...".
- Ms. Evora (ff. 61v.-62) e Lisboa (f. 50v.): "...e isto é o que diz Alfragano desta terra e moradores dela, que *aos* Etiópios o verão e o inverno ambos são de ua mesma compleição...".
- Epiphanio (p. 102): "...e isto he o que diz Alfragano d'esta terra e moradores d'ella, que *nos* Ethiopios ho veraaõ e ho inverno ambos sam de hua mesma compleisam...".
- Academia (p. 128): "E isto é o que diz Alfragano desta terra e moradores dela: que *nos* Etiópios o verão e o inverno ambos são de ua mesma compleição...".
- Ms. Evora (f. 83) e Lisboa (f. 67v.): "...estão duas ilhas pequenas, baixas e rasas, de pouco arvoredado, que *se* chamam as ilhas das Cabras...".
- Epiphanio (p. 134): "...estam duas ilhas pequenas, baixas e rrasas, de pouco aruoredado, que chamam as ilhas das Cabras...".
- Academia (p. 171): "...estão duas ilhas pequenas, baixas e rasas, de pouco arvoredado, que chamam as ilhas das Cabras...".
- Ms. Evora (f. 83v.) e Lisboa (f. 68v.): "...contando da *angra* de são Lourenço...".
- Epiphanio (p. 136): "...contando da *ponta* de Sam Lourenço...".
- Academia (p. 173): "...contando da *ponta* de S. Lourenço...".
- Ms. Evora (f. 84v.) e Lisboa (f. 69): "A qual Manga se aparta *em ladeza* da linha equinocial contra o polo antártico dezasseis graos e meio".

- Epiphanio (p. 136): "...a qual Mangua se aparta da linha equinocial contra ho polo antartico dezaseys graaos e meo".
- Academia (p. 174): "A qual manga se aparta da linha equinocial, contra o pólo Antártico, dezasscis graus e meio".
- Ms. Evora (f. 87) e Lisboa (f. 71): "...e *esta* se aparta do circulo da equinocial...".
- Epiphanio (p. 140): "... e *ella* se aparta do circolo da equinocial...".
- Academia (p. 180): "E *ela* se aparta do circulo da equinocial...".
- Ms. Evora (f. 91v.) e Lisboa (f. 74v.): "Item. Quinze léguas alem d'auguada de São Brás é achada ua angra pequena, que se chama angra d'alagoa o qual *nome* lhe puseram porque...".
- Epiphanio (p. 147): "Item. Quinze leguoas alem d'auguoadade de Sam Bras he hachada hua angra pequena, que se chama "angra dálagua" o qual lhe poseram por que...".
- Academia (p. 189): "Item. Quinze léguas além da auguada de S. Brás é achada ua angra pequena, que se chama angra da Alagoa, o qual [nome] lhe puseram porque...". O autor desta edição da *Academia Portuguesa da História* colocou indevidamente entre parênteses quadrados a palavra *nome*, palavra esquecida por Epiphanio mas que existe nos dois manuscritos.
- Ms. Evora (f. 96v.) e Lisboa (f. 78): "Porque Sua Alteza lhe deo título de Dom Vasco da Gama, que dantes não tinha, e assi lhe deo armas para ser conhecida a honra da sua fidalguia, e o fez almirante do mar Indico com sua jurisdição, e mais lhe deo de renda de juro três mil cruzados d'ouro; e isto houve Dom Vasco além d'outras muitas mercês...".
- Epiphanio (p. 154): "Por que sua alteza lhe deu titulo de Dom Vasco da Guama, que d'antes nam tinha, e asy lhe deu armas pera ser conhecida ha honra de sua fidalguia, e ho fez alm/e/yrante do mar Indico com sua jurisdiçam, e mais lhe deu de Renda de juro tres mil cruzados d'ouro; alem d'outras muitas mercees...".
- Academia (pp. 198-199): "Porque Sua Alteza lhe deu título de D. Vasco da Gama, que dantes não tinha, e assi lhe deu armas pera ser conhecida a honra de sua fidalguia; e o fez almirante do mar Índico, com sua jurisdição; e mais lhe deu renda, de juro, três mil cruzados de ouro, além doutras muitas mercês...".

Podemos ainda ver dois exemplos demonstrativos de que o autor da edição da *Academia Portuguesa da História* se limitou a reproduzir o texto da edição de Epiphanio da Silva Dias, mesmo nos casos em que este preferiu a lição do manuscrito de Lisboa à do manuscrito de Évora:

- Ms. de Évora (f. 28v.): "...Infante Dom Fernando voso Padre com grande frota e *muito boa jente* em pessoa...".
- Ms. de Lisboa (f. 23v.): "...Infante Dom Fernando vosso padre com grande frota e *muita jente* em pessoa...".

- Epiphanio (p. 55): "...Infante Dom Fernando, vosso padre, com grande frota e *muita gente* em pessoa...".
- Academia (p. 60): "...Infante D. Fernando, vosso padre, com grande frota e *muita gente*, em pessoa...".
- Ms. de Évora (f. 35): "e dali ao desembarcadoiro *veerom hum caminho* de meca ha duas leguoas...".
- Ms. de Lisboa (f. 29): "...e dali ao desembarcadoiro de meca ha duas Leguoas...".
- Epiphanio (p. 64): "...e d'aly ao desembarcadoiro de Meçã ha duas leguoas...".
- Academia (p. 72): "...e, dali ao desembarcadoiro de Meca há duas léguas...".

Finalmente, na edição da *Academia Portuguêsa da História*, no Livro I, Capítulo 32 (página 116), a propósito da palavra *creira*, o autor desta edição precisa em nota que o manuscrito de Évora dá *creira*; mas a verdade é que lemos *careira* tanto no manuscrito de Évora, como no de Lisboa. Como se explica mais êste erro do autor da edição da Academia? Mais uma vez êste reproduz um erro da edição de Epiphanio da Silva Dias que afirma numa nota da página 95 ler-se *creira* no manuscrito de Évora (12).

Se a edição de Raphael Eduardo de Azevedo Basto era lamentável, que dizer desta última! Azevedo Basto teve ao menos o mérito de trazer algo de novo para a biografia de Duarte Pacheco Pereira. Como conclusão à análise destas três edições do texto do *Esmeraldo* somos levados a afirmar que a de Augusto Epiphanio da Silva Dias é a única que foi realizada com um mínimo de probidade intelectual (13).

(12). — I. S. Révah, no *Bulletin des Etudes Portugaises et de l'Institut Français au Portugal*, tomo XIX, 1955-1956, pág. 201, refere-se a esta edição da *Academia Portuguêsa da História* nos seguintes termos: "Cette édition commémorative du Ve. Centenaire de la découverte de la Guinée semble avoir été réalisée fort rapidement. La courte introduction et les trois notes historiques de M. Damião Peres n'apportent pas grand chose à la connaissance du sujet. Quant au texte et aux notes établis par Mr. João Franco Machado (détail que l'on aurait pu faire figurer sur le frontispice de l'ouvrage), le moins que l'on puisse en dire c'est qu'ils ne sont pas satisfaisants. La véritable édition critique de l'*Esmeraldo*, sur la base des deux copies tardives conservées, édition qui remplacera celle d'Epiphanio, reste à faire".

(13). — Espanta-nos que Justino Mendes de Almeida (*Princípio do Esmeraldo de Situ Orbis Feyto e Composto por Duarte Pacheco...*, in *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, Série 82a., N.ºs 4-6, abril-junho 1964, págs. 187-195) tenha escrito acerca desta lamentável edição: "... e, mais recentemente (1954), em cuidada edição da Academia Portuguêsa da História, com introdução e anotações históricas pelo Académico de Número Damião Peres, edição que dignifica a Academia e testemunha bem a exigência científica e a profunda e sólida informação do anotador".

Além das três edições que acabamos de analisar não foram publicados mais do que extratos da obra de Duarte Pacheco Pereira. Em 1845, Albano da Silveira insere alguns passos do *Esmeraldo* nos *Anais Marítimos e Coloniais* (14). Outro tanto faz João Andrade Corvo, em 1882, na sua edição do *Roteiro de Lisboa a Goa por Dom João de Castro* (15). Este mesmo autor declara neste trabalho (16) ter pensado estabelecer uma edição do texto completo do *Esmeraldo*. Sabemos, com efeito, que em 1879 êle fêz copiar por Severiano Silvestre Lapa o manuscrito de Lisboa, cópia que se encontra hoje na Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa.

Em 1952, tivemos conhecimento da terceira edição do *Esmeraldo*, a da *Academia Portuguesa da História*, por uma *Notícia Explicativa* de Damião Peres que precede a publicação de *Os mais antigos roteiros da Guiné* (17). Damião Peres transcreve, do texto do *Esmeraldo*, o Livro I, desde o Capítulo 23 até ao fim dêste Livro (Capítulo 33), todo o Livro II, salvo as linhas finais do último capítulo (Capítulo 11). Declara ter-se servido do texto preparado por João Franco Machado, sôbre o qual já tudo dissémos. Na *Notícia Explicativa* de que atrás falamos, Damião Peres mais uma vez nada acrescenta àquilo que já sabíamos sôbre a obra de Duarte Pacheco Pereira.

No que diz respeito às traduções do *Esmeraldo*, ou às traduções de excertos da obra de Duarte Pacheco Pereira, começamos por indicar a tradução em língua francesa dos Capítulos 13 a 21 (inclusive) do Livro I, feita por Robert Ricard, em 1927, na revista *Hespéris* (18). Robert Ricard não se preocupou apenas em traduzir cuidadosamente êstes capítulos; fê-los acompanhar de uma anotação tão séria quanto útil para a sua compreensão. Além da tradução e das notas, Robert Ricard (19) dá-nos em texto breve, a biografia de Duarte Pacheco Pereira, a discussão àcêrca do título e da data do *Esmeraldo*, algo sôbre o seu conteúdo, sôbre os manuscritos e as edições, indicando finalmente que se serviu para a sua tradução da edição de Epiphânio da Silva Dias.

(14). — *Anais Marítimos e Coloniais*, 1845, 5a. série, págs. 11 e seguintes, notas 4, 5 e 6.

(15). — *Roteiro de Lisboa a Goa por Dom João de Castro*, Lisboa, 1882.

(16). — *Ibidem*, nota 4, págs. 14-15.

(17). — *Os mais antigos roteiros da Guiné*, edição da *Academia Portuguesa da História*, Lisboa, 1952.

(18). — *La Côte Atlantique du Maroc au début du XVIIe siècle d'après des instructions nautiques portugaises* (in *Hespéris*, Paris, 1927, 2º trimestre). Pode ver-se a tradução dos textos do *Esmeraldo* nas páginas 231-258.

(19). — *Ibidem*, págs. 229-231.

Foi ainda Robert Ricard que traduziu, em 1930, também na revista *Hespéris* (20), a parte final do Capítulo 24 e todo o Capítulo 25 do Livro I do *Esmeraldo*.

Em 1937 aparece a primeira e única tradução integral do *Esmeraldo*: a tradução inglesa de George H. T. Kimble (21) que parece ter seguido de muito perto a edição de Epiphânio da Silva Dias. As notas traduzem esta mesma influência, se bem que as de Kimble sejam bem mais completas do que as de Epiphânio, pois não dizem apenas respeito ao aspecto lingüístico e ao estudo das fontes. Nas trinta e cinco páginas que precedem o texto, o autor passa em revista os problemas que se põem habitualmente a propósito do *Esmeraldo* e da personalidade de Duarte Pacheco Pereira. Dá-nos uma curta biografia do autor, fala-nos do problema do título do *Esmeraldo* e da data da sua redação, e acaba por um resumo da obra de Pacheco. Faz ainda alusão à dívida de Duarte Pacheco Pereira perante a tradição, faz alusão às regras náuticas, ao problema do "sigilo" no *Esmeraldo*, e finalmente aos manuscritos e às edições então existentes. Também nos dá uma bibliografia que é sem dúvida a parte mais fraca da *Introdução*, pois a maior parte das obras indicadas têm poucas relações com a obra de Duarte Pacheco Pereira. No fim, além de três notas a dois passos do texto, vemos um índice de nomes.

Finalmente, em 1956, na coleção do Centro de Estudos da Guiné Portuguesa, aparece em língua francesa uma tradução parcial do *Esmeraldo* (partes que dizem respeito à Costa Ocidental da África, do Sul de Marrocos ao Gabão) por Raymond Mauny (22). Esta obra é precedida de uma breve *Introdução* (23), que comporta uma curta biografia de Duarte Pacheco Pereira, um breve resumo do problema do título, algumas indicações gerais sobre o valor geográfico da obra, e uma alusão às edições existentes. Raymond Mauny serviu-se do texto da edição de Epiphânio da Silva Dias, que êle publica acompanhando a sua tradução. Traduz uma parte do Livro I (Capítulos 5 e 7; Capítulos 22 a 33), e todo o Livro II. Para os Capítulos 13 a 21 do Livro I, reenvia à tradução de Robert Ricard. Esta tradução de Raymond Mauny é acompanhada de 319 notas (24) na

(20). — *Les Portugais et le Sahara Atlantique au XVe siècle* (in *Hespéris*, tomo IX, 1930, págs. 108-110).

(21). — George H. T. Kimble: "*Esmeraldo de situ orbis*" by Duarte Pacheco Pereira, Londres, 1937.

(22). — Raymond Mauny: "*Esmeraldo de situ orbis*" (*Côte Occidentale d'Afrique du Sud Marocain au Gabon*) par Duarte Pacheco Pereira (vers 1506-1508). Centro de Estudos da Guiné Portuguesa, Bissau, 1956.

(23). — *Ibidem*, págs. 7-9.

(24). — *Ibidem*, págs. 161-163.

sua maior parte de ordem geográfica, de uma bibliografia sumária (25), de dois anexos (26) (um quadro cronológico da dinastia de Avíz e do Papado, uma cronologia do descobrimento das costas ocidentais da África) e de um índice de nomes (27). As notas geográficas e as cartas que ilustram o texto desta tradução, as notas de Robert Ricard aos extratos publicados na revista *Hespéris*, e a tradução crítica de George H. T. Kimble, são até hoje as contribuições mais sérias para o estudo da célebre obra de Duarte Pacheco Pereira.

(25) . — *Ibidem*, págs. 195-197.

(26) . — *Ibidem*, págs. 201-205.

(27) . — *Ibidem*, págs. 209-226.
de 31-7-1873.